Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



CARTAS A JOVENS ESTUDANTES: QUESTIONAMENTOS PARA PENSAR SOBRE A ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE

LETTERS TO YOUNG STUDENTS: QUESTIONS TO REFLECT UPON THE SCHOOL IN CONTEMPORANEITY

DOI: http://dx.doi.org/10.5965/1984317818220227

Bianca Isabel Pederiva
Universidade do Vale do Taquari
bianca.pederiva@universo.univates.br | ORCID

Suzana Feldens Schwertner
Universidade do Vale do Taquari
suzifs@univates.br | ORCID

RESUMO
O presente relato de experiência busca refletir acerca de provocações advindas do projeto "Objetos de Pensar", por meio de oficinas ministradas a professores e estudantes de graduação e pós-graduação. A escrita apresenta-se como relato de prática, propondo uma articulação entre elementos despertados pelos participantes e discussões acerca das relações entre jovens e a escola na contemporaneidade. O referencial teórico parte de contribuições que envolvem o lugar dos jovens na escola (DAYRELL, 2003; 2007) e o tempo-espaço dedicado ao estudo (LARROSA, 2018). Os resultados, elaborados por meio de Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2011), compõem temáticas que versam sobre os impactos do Objeto nos participantes da oficina e os modos de perceber os tempos das juventudes no espaço escolar, que pode tanto limitar e cercear os estudantes quanto possibilitar diferentes criações. Ao final, considera-se a relevância de discussões que envolvam o protagonismo dos estudantes, destacando-os como habitantes do espaço escolar e que, portanto, têm muito a pensar e a dizer sobre o mesmo.
Palavras-chave: Escola; Juventudes; Criação.

ABSTRACT
This experience´s report aims to reflect upon provocations originated in the project "Objects to think about", through workshops offered to teachers, graduate, and undergraduate students. Writing is presented as a practice report, and it proposes an intertwining between the elements awakened in the participants and the discussions about the relationship between the youngsters and schools in the contemporaneity. The theoretical framework is based on the contributions that encompass the space of the youth in schools (DAYRELL, 2003; 2007) and time-space focusing on studies (LARROSA, 2018). The outcomes, throughout Discursive Textual Analysis (MORAES; GALIAZZI, 2011) constitute themes about the impacts of the Object on the workshop participants and the ways of perceiving the youth times in the school venue, which may limit and restrict students regarding the possibility of distinct creations. Finally, the relevance of discussions whose protagonists are the students

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



is highlighted, with the latter as inhabitants of the school space and, due to it, having a great deal to think and to say about this venue.
Keywords: School; Youth; Creation.

1. INTRODUÇÃO

A presente escrita objetiva refletir acerca de algumas das provocações advindas de um projeto desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq/Univates), em parceria com o Projeto de Extensão Pensamento Nômade e com a Área de Artes da Universidade do Vale do Taquari - Univates. Iniciado em 2013 e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Univates, o Grupo CEM procura estudar como os espaços escolares e não escolares pensam o ensino e a aprendizagem, como produzem práticas educativas e artísticas e de que modo os processos de subjetivação permeiam essa esfera.

Criado em 2019, o projeto “Objetos de Pensar” foi elaborado em meio a tais proposições, tendo como cerne a premissa de que a educação, além de ser atravessada por representações prévias, estáveis e enraizadas – e que, por isso, pode repetir, em muitos momentos, determinados modelos e modos padronizados de ensino e de aprendizagem – é também uma instância potente para novas experimentações. Alguns de seus propulsores foram: a participação do Grupo de Pesquisa no curso “A escola, o museu, o professor e o mediador”, ministrado pelo professor Dr. Jorge Larrosa na Fundação Iberê Camargo em Porto Alegre-RS e a presença de uma de suas pesquisadoras na 33ª Bienal de São Paulo, nomeada “Afinidades Afetivas”. Ambas atividades ocorreram em 2018.

Após essas experiências, e com alicerce nos estudos desenvolvidos pelo Grupo até aquele momento, formulou-se que a proposta do “Objetos de Pensar” consistiria na criação de problematizações, perguntas, questionamentos e indagações que atuassem como subsídios para a construção de diferentes reflexões a respeito da docência – a partir da movimentação do pensamento; para tanto, considerou-se um Objeto[1] toda e qualquer matéria que atingisse esse objetivo. Poderiam, assim, ser produzidos materiais como exercícios compostos por

[1] Utiliza-se a primeira letra em maiúsculo para destacar que se trata de uma produção referente ao projeto.

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



perguntas, proposições de dinâmicas embaladas por escritas, poesias, músicas, literatura, obras de arte; enfim, por qualquer proposta que levasse as pessoas a indagarem a formação docente, sua ação, suas práticas. A terminologia "Objetos de Pensar" foi escolhida, nesse sentido, por abarcar uma multiplicidade de possibilidades de criações artísticas, visando uma não limitação das invenções dos participantes. Entende-se, assim, os objetos de pensar como matérias que têm como intenção provocar o movimento do pensamento, possibilitando a autoria e a criação.

A submissão de propostas de elaboração de Objetos aconteceu de março a julho de 2019, contando com a participação de estudantes e professores da Univates, bem como toda a comunidade regional, além de estudantes e pesquisadores de outras universidades. As inscrições eram efetivadas no site da Univates[2], por meio de formulário online, contendo elementos como: título do Objeto, autoria, definição (se o Objeto consistia em: roteiro/instruções, fotografia/imagem, objeto físico, vídeo ou outro) e possibilidades de envio e/ou entrega pelo autor.

Ao final do período foram submetidas mais de 50 produções, elaboradas por estudantes de graduação, de pós-graduação, professores da Univates e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), além de pesquisadores e bolsistas do Grupo CEM. Os Objetos, após avaliados por uma Comissão Organizadora, foram suporte para a realização de 18 oficinas com docentes e estudantes da Educação Básica e Educação Superior, no período entre abril e outubro de 2019. Após, os Objetos constituíram uma exposição que foi realizada em local concedido pelo Sistema Fecomércio-RS/SESC Lajeado, parceiro do Grupo CEM. Intitulada "Objetos de Pensar", a exposição aconteceu entre 17 de outubro e 01 de dezembro e contou com a participação de estudantes e professores tanto da Educação Básica quanto do Ensino Superior. Paralelamente, foi organizado um livro contemplando os Objetos de Pensar (MUNHOZ *et al*., 2020)[3].

Neste artigo serão analisadas algumas reverberações do Objeto "Os jovens e as funções da escola: uma matéria epistolar", utilizado em seis oficinas que foram

[2] Site: https://univates.br/eventos/evento/8147-projeto-objetos-de-pensar
[3] E-book: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/316/pdf_316.pdf

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



efetuadas com 72 participantes, entre eles professores da Escola Básica, mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Univates e participantes do XIV Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional (CONPE)[4]. Opta-se pela escolha do Objeto, entre todos os submetidos, em função de ter sido elaborado por uma das autoras e por sua articulação com as temáticas de investigação do grupo de pesquisa. Para tanto, o escrito divide-se da seguinte maneira: na primeira seção, apresenta-se o Objeto, seu surgimento, sua composição e sua finalidade; nas seções seguintes, analisam-se as produções elaboradas a partir das oficinas com professores e estudantes e, ao final, discutem-se as possibilidades de reflexão que tal criação ofereceu aos participantes das oficinas.

Por fim, é importante ressaltar que o relato desse trabalho articula elementos de pesquisa, ensino e extensão, apresentando modos outros de pensar e se perguntar sobre a prática docente. Assim, o esquema exposto abaixo (Figura 1) representa o processo de criação do “Objetos de Pensar”, possibilitando uma visualização da totalidade de tais instâncias envolvidas em sua construção.

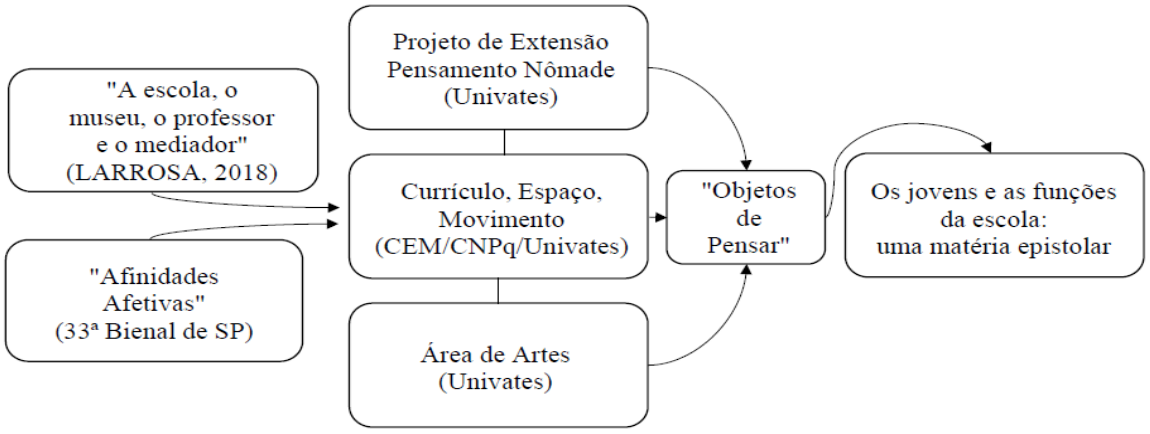


Figura 1: Criação do “Objetos de Pensar”
Fonte: Elaboração própria.

2. OS JOVENS E AS FUNÇÕES DA ESCOLA: UMA MATÉRIA EPISTOLAR

[4] Evento realizado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) entre 28 e 31 de agosto de 2019, no qual uma das autoras ministrou uma oficina.

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



Nesta seção, tem-se o objetivo de apresentar o Objeto, indicando seu planejamento e elaboração. A ideia para a criação do Objeto partiu de resultados da pesquisa "A escola e as novas configurações da contemporaneidade: a voz de estudantes concluintes de Ensino Médio e Fundamental" (MCTI/CNPq/Universal 14/2014), desenvolvida no período de 2015 a 2017 pelo Grupo de Pesquisa Juventudes, Imagem e Educação (JImE/CNPq), em parceria com o Grupo CEM.

Nessa pesquisa, em mais de 50 encontros de grupo focal realizados em duas escolas do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, foi possível escutar 115 estudantes concluintes de Ensino Médio e Fundamental falando sobre as funções da escola na atualidade. Algumas perguntas foram relacionadas:

> De que modo os estudantes concluintes do Ensino Médio e Fundamental – 3º e 9º ano, respectivamente – entendem as funções da escola hoje? O que esta instituição produz de sentidos aos olhares jovens? Como eles percebem a organização dos saberes escolares? E de que modo a escola contribui em sua formação? (SCHWERTNER, 2019, p. 134).

Além de conversar sobre esse tema, os estudantes foram solicitados a elaborar uma fotografia que respondesse a tais questões, indicando os sentidos da escola em suas vidas. Cada fotografia foi acompanhada de uma legenda, que orientava o olhar para elementos que os estudantes gostariam de apresentar[5].

Com base nos resultados produzidos pela investigação, um vídeo com pouco mais de quatro minutos foi elaborado, o qual apresentava resumidamente a pesquisa, além de expor 26 fotografias selecionadas. A trilha sonora que acompanhou o vídeo foi a música "O trono do estudar" (O TRONO DO ESTUDAR, 2015), justamente por uma de suas frases compor a legenda de uma das fotografias produzidas[6]. Assim, para a elaboração do Objeto "Os jovens e as funções da escola:

[5] Demais resultados da pesquisa podem ser conferidos em discussões realizadas por Schwertner e Conrad (2016); Schwertner e Munhoz (2017); Schwertner, Conrad, Diesel e Weber (2017); Schwertner (2019); Silva, Schwertner e Zanelatto (2019).

[6] Composta por Dani Black e gravada por diversos artistas, como Chico Buarque, Paulo Miklos, Zélia Duncan, Arnaldo Antunes, Dado Villa-Lobos etc. Produzida em 2015, a música surgiu como uma representação de apoio aos jovens que, naquele período, ocupavam escolas no Estado de São Paulo em protesto à proposição de uma reorganização do ensino a qual, caso concretizada, acarretaria no fechamento de vários espaços escolares.

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



uma matéria epistolar", sua autora[7] pensou em explorar tal vídeo, não apenas com o objetivo da divulgação de resultados da pesquisa concluída, mas igualmente como um modo de fazer pensar sobre o que mostram estudantes concluintes acerca das funções da escola.

Para a realização do exercício proposto pelo Objeto, foram estabelecidos quatro passos. O primeiro deles (Passo 1) era a exibição do vídeo ao grupo participante: em uma tela de dimensão grande (por meio de projetor, em quadros de sala de aula), o vídeo era apresentado, sem maiores explicações sobre sua produção (uma vez que o vídeo continha informações breves sobre a pesquisa). Na sequência (Passo 2), solicitava-se que as pessoas registrassem em um papel algumas palavras ou expressões que foram suscitadas pelo vídeo. Essas palavras, além de registradas em um papel individual por cada participante, deveriam ser replicadas em tiras de papel que foram entregues a todos. As tiras foram recolhidas em uma caixa pela pessoa que estava organizando a oficina e misturadas todas as palavras/expressões ali adicionadas.

Em seguida (Passo 3), os participantes foram solicitados a recolher o mesmo número de palavras que colocaram na caixa, desde que não fossem as suas próprias contribuições. Receberam, na continuidade (Passo 4), uma folha colorida, na qual foram convidados a escrever uma carta aos estudantes da pesquisa. Para a composição da carta, algumas regras foram indicadas: ela deveria conter as palavras que os participantes escreveram inicialmente, além das palavras que foram retiradas da caixa, escritas pelas outras pessoas que estavam participando da oficina. Ainda, a carta deveria conter, no mínimo, uma frase com ponto final, duas frases com ponto de exclamação e três frases com ponto de interrogação.

Ao final, aqueles que se voluntariavam liam as suas respectivas cartas e contavam sobre a experiência da oficina, indicando elementos que os fizeram pensar sobre a docência por meio do trabalho realizado. Quem se sentia à vontade, entregava a carta à pesquisadora após a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando sua exposição e a utilização de seu

[7] A autora do Objeto é também uma das autoras do artigo.

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



conteúdo para fins de pesquisa. Assim, as cartas autorizadas foram arquivadas para compor a exposição “Objetos de Pensar”. Cada carta foi envelopada em plástico transparente e pendurada em uma espécie de varal, que cercava um computador – que, por sua vez, exibia incessantemente o vídeo com as fotografias dos estudantes – conforme se visualiza na Figura 2:



Figura 2: Exposição do Objeto de Pensar
Fonte: Elaboração própria.

Como relatado anteriormente, foram concretizadas seis oficinas que contaram com a participação de professores da Escola Básica, mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Univates e participantes do XIV Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional (CONPE). As oficinas foram realizadas de acordo com a disponibilidade das instituições de Ensino, dos participantes e das pesquisadoras que iriam coordená-las. Abaixo, podemos visualizar as repercussões do Objeto a partir de um esquema representativo de suas oficinas (Figura 3):

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



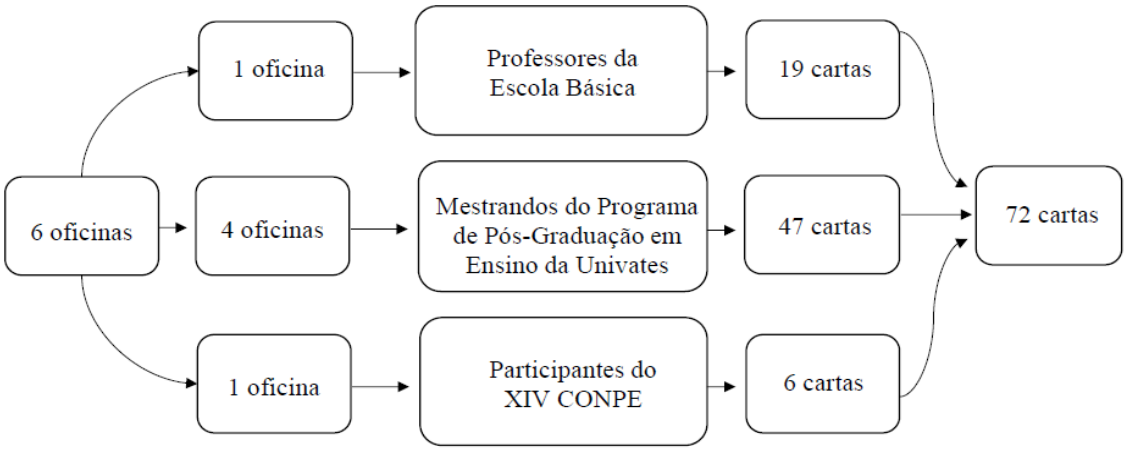


Figura 3: Oficinas do Objeto
Fonte: Elaboração própria.

Percebe-se que grande parte das oficinas do Objeto aconteceram com mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade, em sua maioria professores do Ensino Básico ou Superior. Contudo, não é a intenção deste artigo analisar seus resultados qualitativos por oficina, público ou demais esferas, mas sim apresentar algumas provocações levantadas a partir da análise das 72 cartas escritas pelos participantes.

3. DAS PROVOCAÇÕES

As provocações advindas do Objeto possibilitaram, após a análise das 72 cartas produzidas pelos participantes, a percepção de três grandes temáticas. Chegou-se a tais temáticas por meio da Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2011), metodologia que faz junção entre a Análise de Conteúdo e a Análise de Discurso, com o objetivo de conceder uma nova significação à produção dos participantes da pesquisa. O método compõe-se de três etapas em sua elaboração: unitarização (desmontagem dos textos), categorização (estabelecimento de relações) e criação de metatextos (ressignificação de compreensões). Assim, a partir da leitura minuciosa das cartas, as unidades temáticas que se repetiam foram sendo elencadas e, por meio delas, a criação de metatextos específicos a cada uma das três unidades temáticas resultantes ao final.

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



A primeira temática, “Imagens que impactam: a juventude entre vozes e silêncios”, refere-se aos inesperados impactos que foram causados pelas fotografias produzidas pelos estudantes, quando visualizadas pelo olhar dos participantes. A segunda, “A escola prepara para o futuro?”, diz respeito às relações construídas entre o espaço escolar, os jovens e suas perspectivas de vida, discorrendo sobre alguns modos de perceber os tempos da juventude. Por fim, a terceira temática, “Entre as salas e as jaulas: por onde anda a escola?”, destina-se a questionar a escola como um lugar em que, ao mesmo tempo, possibilita liberdade, mas que também impõe restrições e limites acerca do protagonismo dos habitantes daquele espaço.

3.1. IMAGENS QUE IMPACTAM: A JUVENTUDE ENTRE VOZES E SILÊNCIOS

Um dos efeitos suscitados pela visualização das fotografias criadas pelos estudantes, compiladas no vídeo, foi evidenciado na ênfase disposta pelos docentes acerca do sentimento de admiração às suas produções. No conteúdo presente nas cartas, os participantes apresentaram congratulações que se estenderam tanto às fotografias com suas respectivas legendas – frases que suscitaram grande parte dos conteúdos emergentes nas cartas –, quanto ao envolvimento dos estudantes em relação ao projeto que lhes foi proposto. Destas, muitas salientaram, também, questionamentos dos participantes a respeito de como ocorreu o processo de formulação das imagens retratadas e, além disso, perguntas relacionadas com a capacidade da experiência em provocar impactos para o estudante, para sua classe e para sua escola. Pode-se perceber tais considerações a partir de alguns fragmentos selecionados das escritas dos participantes[8]:

> Caro Aluno! Que belas imagens! Impressionante! O que te inspirou para tais imagens? O que pensavas no momento de fotografar? Esse momento fez você repensar a importância do espaço escolar? (Participante 1).

[8] A ordem dos participantes aqui mencionada se refere à reorganização dos dados por meio da Análise Textual Discursiva, que criou metatextos numerados conforme sua elaboração.

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



> Fiquei intrigada com a relação de vocês com o espaço da escola, como a ocupam e o que pensam dela. Vocês gostam? Qual o lugar favorito na escola? Mudariam alguma coisa na escola? (Participante 2).
>
> O que se sente quando um de vocês recorda esse momento que ficou eternizado pela fotografia? Teve alguma mudança significativa na escola, após a execução desse trabalho? Essa experiência proporcionou alguma reflexão sobre as escolhas que tiveram de fazer na vida? (Participante 3).

Pode-se perceber que o encanto dos participantes com o trabalho dos estudantes foi relatado com certa conotação de surpresa, como evidenciado pela citação do Participante 1, quando escreve: “Impressionante!”. Esse aspecto, presente em várias cartas, pode ser um demonstrativo do quão é inesperado, para a maioria dos participantes, que estudantes possam criar produções tão impactantes a respeito do espaço escolar do qual fazem parte. Entretanto, Dayrell (2007, p. 1109) nos alerta para a percepção de juventudes que utilizam cada vez mais as vias simbólicas de expressão “[...] como forma de comunicação e de um posicionamento diante de si mesmos e da sociedade”. Seguindo essa perspectiva, parece ser necessário que se possa compreender que, além de terem o desejo de manifestar suas vozes e olhares no tocante às mais diversas questões, os jovens evidenciam cada vez mais ter essa atitude a partir de mediadores criativos, artísticos e culturais, tal como a fotografia proporcionou naquele projeto de pesquisa.

Em vista disso, é possível questionar-se: estaria a escola um tanto distante dessa temática? Estaria proporcionando dispositivos para a emergência da criação e, por consequência, para o aparecimento de manifestações de seus estudantes acerca do espaço escolar, do que ali se faz e se deixa de fazer? Por que os impactos provocados pelas imagens, criadas por eles, não seriam esperados? Por fim, os jovens, ao depararem-se com o espaço escolar, local no qual permanecem grande parte de seu tempo e, também, de suas vidas, não teriam nada para falar a seu respeito?

Dayrell (2007) propicia adentrar a essa discussão quando questiona em que medida a instituição escolar constitui aspectos da condição juvenil; a escolha do termo “condição”, para ele, refere-se tanto à amplitude dos significados que a

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



sociedade atribui ao período da juventude, quanto à multiplicidade de como é vivida. Comenta, então, que "[...] a escola tende a não reconhecer o 'jovem' existente no 'aluno', muito menos compreender a diversidade, seja étnica, de gênero ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta" (DAYRELL, 2007, p. 1117). Autores como Leão e Carmo (2014, p. 35) complementam tal pensamento, destacando que "[...] não se pode pensar que ser jovem e ser estudante são incompatíveis. Não existe processo educativo sem sujeitos concretos, com suas práticas, experiências, valores e saberes".

Contudo – e lembrando a regra do Objeto, de elaborar frases com pontos de interrogação –, como é perceptível a partir das citações apresentadas, as cartas dos participantes continham diversos questionamentos direcionados aos estudantes, demonstrando interesse acerca de suas produções, de seus processos formativos e de suas trajetórias de vida. Seguindo essa perspectiva, é possível compreender que a exibição do vídeo, contendo as produções dos estudantes, possibilitou aos participantes percepções que foram além das sensações de surpresa. Nota-se que um de seus efeitos proporcionou a emergência de um olhar diferenciado, o qual permitiu a apreensão de algumas condições juvenis expressas a partir das imagens – parece-nos que a solicitação da adoção do ponto de interrogação nas cartas produziu igualmente esse efeito. Essa concepção torna-se visível quando identificamos este trecho retirado de uma das cartas:

> Poucas vezes, ao longo de minha trajetória, me deparei com momentos onde a voz do aluno saiu do modo "mudo". E como foi incrível ouvir sua voz! Como há potência para pensarmos juntos sobre a escola, o conhecimento e a vida! (Participante 4).

Apoiados em Teixeira (2014), em convite que escreve para apresentar ao leitor o livro "Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo", verifica-se que é comum a sociedade conferir às juventudes dificuldades, repressões ou silenciamentos que impossibilitam o ressoar de suas palavras. À vista disso, a autora propõe o seguinte questionamento: "[...] para além dos conteúdos disciplinares, das respostas às nossas perguntas ou para além do que estamos tentando ensinar, será que estamos escutando os nossos jovens alunos? [...] acerca

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



do que eles pensam, desejam, esperam da escola em suas vidas [...]?" (TEIXEIRA, 2014, p. 15). Tal provocação também é existente nas contribuições de Dayrell e Carrano (2014) que, em outro capítulo da mesma obra, comentam o quanto há no ambiente escolar, por vezes, tendências que optam por não considerar a voz do jovem como um contribuinte relevante para a tomada de decisões na instituição, inclusive nas questões que dizem respeito a si próprio.

Quiçá, um dos mais relevantes impactos causado pelas imagens tenha sido o que relata o participante na citação disposta anteriormente: a atitude de escuta dos estudantes, possibilitada pelo olhar atento direcionado às suas produções, potencializou aos participantes o surgimento de importantes reflexões a respeito da escola. É como se, a partir das imagens, das legendas e da música, os participantes permitissem reconhecer o jovem que há no aluno – prática que pode ser facilitada, portanto, pela apropriação de papéis protagonistas que permitam a saída desse "modo mudo" reservado às juventudes na escola.

3.2. A ESCOLA PREPARA PARA O FUTURO?

Nesta seção, discorre-se acerca de uma provocação que, assim como a anterior, reflete-se no despertar dos questionamentos levantados pelos participantes, ocasionados a partir da visualização das produções fotográficas dos estudantes, por meio do vídeo da pesquisa (Passo 1 do Objeto). Assim, foram alguns indícios contidos nas escritas epistolares dos participantes que evidenciaram a temática na qual nos deteremos.

Apesar da adição de uma entonação de dúvida ao título de abertura da seção, foi possível perceber que os docentes atribuíram à escola uma função que a afirma como um espaço de uma formação que é orientada ao futuro dos estudantes. Podemos visualizar, a partir dos fragmentos destacados abaixo, que os participantes, após sustentarem tal perspectiva, também levantaram alguns questionamentos:

> A escola é um local onde buscamos o conhecimento! Os saberes que nos estimularam para a vida. Mas será que ela atinge este

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



> objetivo? [...] Afinal o momento é dedicado ao seu engrandecimento futuro (Participante 5).
>
> Por isso você deve se questionar: o que eu aprendi? O que aprendo? De que forma? Também deve aproveitar cada momento passado na escola, porque cada disciplina, cada conteúdo trabalhado, por mais sem sentido que seja hoje, haverá um espaço onde ele irá se encaixar e quem sabe futuramente fará sentido (Participante 6).

Pode-se observar, portanto, que as escritas dos participantes abordam tanto a indicação da escola como um ambiente que se dedica ao "engrandecimento futuro", como a alegação de que, mesmo os conhecimentos aos quais os estudantes não atribuem algum significado, "futuramente farão sentido". Dessa maneira, quais as possíveis implicações que essas afirmações podem denotar? De qual futuro estamos falando? A escola engrandece os estudantes para quais futuros? Estes futuros fazem sentido? Para quem?

A temática a respeito da relação entre o espaço escolar, as juventudes e suas perspectivas de vida vem proporcionando a construção de um debate bastante polêmico. Contudo, percebe-se que, por vezes, o mesmo atrela-se a conversas um tanto simplistas, lineares e imediatas, quase sempre destacadas em um futuro que acontece na escolha de uma atribuição profissional. Pode-se verificar tal afirmação a partir de Weller (2014, p. 141) que, referindo-se ao Ensino Médio, comenta que o mesmo "[...] tem dedicado mais atenção ao desenvolvimento de projetos profissionais dos jovens do que propriamente aos projetos de vida que buscam atribuir sentido à biografia como um todo". Assim, não contestando a importância de que os jovens possam discutir acerca de seus futuros profissionais, o que gostaríamos de salientar é a possibilidade de que esse debate seja abordado de modo mais ampliado, considerando sua inerente multiplicidade.

Para tanto, Weller (2014) introduz a noção de "projetos de vida", referindo-se ao planejamento, pelos jovens, de objetivos específicos para suas trajetórias. Para a autora, o Ensino Médio apresenta-se como uma etapa que, além da formação intelectual, constitui-se por um tempo de formação humana – ou seja, um tempo que permite ao jovem a experimentação de si mesmo como sujeito. Contudo, Weller (2014, p. 142) indica que "[...] nem sempre os jovens encontram apoio e condições

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



necessárias para esse exercício de experimentação e identificação de possibilidades que podem tornar-se concretas". Desse modo, a construção de projetos de vida permanece associada a um sentido restrito.

Empregando a utilização do termo "projetos de futuro", Villas e Nonato (2014, p. 17) demarcam seu caráter dinâmico, expressando que os projetos são reelaborados conforme mudam-se os sentidos e significados concedidos pelos jovens, visto que "[...] a singularidade do momento da vida juvenil, [...] é marcada por flutuações, descontinuidades, reversibilidades, verdadeiros movimentos de vaivém, que são também fruto de estruturas sociais cada vez mais fluidas [...]". Nesse sentido, ao nos questionarmos acerca das possíveis implicações presentes na discussão da escola como um espaço destinado ao futuro de seus estudantes, como levantado pelos participantes em suas escritas, é preciso que levemos em consideração o caráter da produção de trajetórias de vida cada vez mais aptas à transformação. Ou seja, mesmo quando o assunto se remete às escolhas profissionais dos jovens, torna-se necessário expandir as percepções, não abordando o tempo do Ensino Médio como um momento que se destina somente a uma formação para o Ensino Superior e/ou para o Mercado de Trabalho.

Além de ser uma ação normalmente atribuída ao espaço escolar, caracterizando-a como uma de suas funções, a preparação para o futuro é também uma atitude fundamentalmente destinada à juventude, no momento em que é percebida como uma etapa marcada pela sua anterioridade à entrada na vida adulta. Assim, todas as vivências atreladas aos modos de ser jovem estariam condicionadas aos modos de ser adulto, ou seja, os significados da juventude só seriam pertinentes se relacionados às suas expectativas futuras. Essa perspectiva é ressaltada por Dayrell (2003), quando expressa:

> [...] nos deparamos no cotidiano com uma série de imagens a respeito da juventude que interferem na nossa maneira de compreender os jovens. Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um "vir a ser", tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente (DAYRELL, 2003, p. 40).

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



Por conseguinte, outra implicação ao se pensar sobre o futuro dos estudantes, tomando como palco a escola, é a percepção de que o mesmo não deve sobressair-se às experiências do presente que, por si só, necessitam conter sentido, serem significativas e, além, constituírem-se como o cerne da formação. Desse modo, Dayrell (2003, p. 41) ressalta que a ideia de transitoriedade, persistente no espaço escolar, tende "[...] a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, assim como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplas do que apenas o futuro".

Em outro fragmento, retirado das escritas dos participantes, salienta-se o questionamento do título desta seção, abordando uma perspectiva diferente:

> Resta-nos apenas edificar o presente, o cotidiano das ações do ensino e da aprendizagem para respondermos a essa provocação: a escola prepara para o futuro? (Participante 7).

Tal compreensão parece estar mais associada ao proposto por Dayrell (2003), como exposto anteriormente. Na visão deste participante, a maneira de respondermos à questão da preparação para o futuro seria, portanto, "edificando o presente", de modo a refletir sobre o cotidiano escolar, especialmente sobre os processos de ensino e de aprendizagem que acontecem ali, na escola, nesse momento, no aqui e agora do espaço-tempo escolar. Logo, as perguntas as quais também deveríamos nos direcionar, poderiam ser, talvez: a escola engrandece os estudantes para quais presentes? Estes presentes fazem sentido? Para quem?

3.3. ENTRE AS SALAS E AS JAULAS: POR ONDE ANDA A ESCOLA?

A temática desta seção se constitui a partir das provocações produzidas especialmente pela visualização de duas das fotografias criadas pelos estudantes – aquelas que receberam mais comentários dos participantes das oficinas nas cartas elaboradas. A primeira imagem consiste em duas mãos distintas segurando uma grade que separa a quadra escolar do local onde os estudantes se encontram; na legenda, está descrito o questionamento "liberdade ou prisão?" (Figura 4).

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178





Figura 4: Liberdade ou prisão?
Fonte: Estudante 3° ano Ensino Médio (2015)

Já a segunda ilustra um estudante, de costas, segurando uma das grades de sua escola; na legenda, há uma frase da música “O trono do estudar” (O TRONO DO ESTUDAR, 2015): “e podem me prender numa jaula, porque sala de aula essa jaula vai virar” (Figura 5). Como relatado anteriormente, a música foi escolhida como trilha sonora para o vídeo das fotografias, exposto aos participantes durante as oficinas.



Figura 5: E podem me prender numa jaula, porque sala de aula essa jaula vai virar.
Fonte: Estudante 3° ano Ensino Médio (2016).

Esta temática, portanto, destina-se a impulsionar uma reflexão sobre as percepções dos participantes acerca de possibilidades no ambiente escolar, retratado pelos jovens tanto como um espaço que pode se tornar uma prisão, quanto

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



como um lugar que permite potencializar o exercício da liberdade. Nota-se que os participantes foram muito instigados pelas duas fotografias, realizando interessantes questionamentos, os quais, além de versarem diretamente sobre o assunto, possibilitaram ampliar a discussão, como é possível percebermos a partir do seguinte fragmento:

> Me chamou atenção os termos liberdade ou prisão! De fato podemos fazer uma reflexão sobre eles. O que seria escola? Acredito que muito se fala na escola como algo que tornaria o indivíduo livre, no entanto o que podemos ver é que em algumas, a forma de lidar com diversos aspectos dessa realidade acaba por dar ênfase em algo que aprisiona, reprime (Participante 8).

Entre visões de liberdade e aprisionamento, questionar-se acerca do que seria o espaço escolar, especialmente percebido pelas juventudes em suas funções, é um assunto que vem transversalizando a presente escrita. Assim, pensar a escola – o que faz dela ser escola e o que ela necessita para continuar sendo escola – talvez tenha sido a maior provocação despertada pelo Objeto de Pensar.

Tensionando a discussão, Larrosa (2018) nos desafia à proposta de que possamos nos desprender da compreensão do espaço escolar a partir das funções habituais que ele recebe. Segundo o autor, é comum direcionarmos nossos entendimentos do que serve e para que deveria servir a escola em prol de demandas que buscamos fora do espaço, "[...] seja na sociedade (a escola está aí para produzir certos efeitos ou certas transformações sociais, políticas, econômicas ou culturais), seja no indivíduo (a escola está aí para produzir certos efeitos ou certas mudanças nos indivíduos)" (LARROSA, 2018, p. 232). Dessa forma, se considerarmos a escola como um local que se constitui em favor de reivindicações que surgem a partir de instituições, instâncias e âmbitos externos, optamos por não pensá-la em suas próprias necessidades. Nessa perspectiva, portanto, o espaço escolar somente poderá existir enquanto meio, ou seja, como um caminho, um percurso, uma passagem que direciona seus alunos a determinados objetivos.

A partir dos estudos de Rancière (1998), Larrosa (2018, p. 232) apresenta uma concepção alternativa, optando por perceber a função da escola em sua capacidade de separação: "[...] separa o espaço escolar de outros espaços sociais,

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



separa o tempo escolar de outros tempos sociais e separa as ocupações escolares de outras atividades sociais". Seguindo tal percepção, torna-se possível pensarmos o espaço escolar como algo que, por si só, apresenta-se como uma finalidade: "[...] a finalidade da escola, é a própria escola" (LARROSA, 2018, p. 323). Assim sendo, possibilita-se que o espaço seja percebido segundo suas próprias características, suas próprias dificuldades e suas próprias potencialidades.

Talvez, pode-se refletir acerca da escola como um espaço de liberdade no momento em que compreendermos sua necessidade de também estar liberta. Isso não significa que ela não se ocupará dos aspectos sociais, econômicos, culturais e outras possíveis atribuições contextuais, mas possibilita pensar a existência da escola como uma configuração particular de tempo e de espaço que permite aos estudantes, por alguns momentos, distanciarem-se das posições sociais às quais encontram-se submetidos. Ou seja, tanto de seu passado (marcado pela família) quanto de seu futuro (orientado pelo mercado de trabalho). O que evidenciaria a escola seria uma espécie de "cápsula temporal", que permite aos estudantes tempo. Assim, para o autor:

> Na escola há tempo para ler, para escrever e para falar, há tempo para estudar. A escola é um lugar e um tempo em que os seres humanos podem sair das ocupações que lhes foram dadas (pela sua condição, pela sua posição, por seu nascimento) e podem imaginar a possibilidade de ser qualquer coisa (LARROSA, 2018, p. 234).

Como uma cápsula que é envolta por um tempo cuidadoso, protetor e diferenciado, a escola seria o lugar que permite aos jovens a possibilidade do erro, da repetição, da tentativa, do começar de novo, sem pressa. Desse modo, o que a separação do espaço da escola possibilita é a existência de tempo livre – tempo em que os estudantes podem perceber-se como capazes.

A sala de aula como lugar de liberdade, portanto, talvez seja aquela que insiste no presente e que afirma sua existência pelo próprio fato de configurar-se como aquilo que é: "[...] um dispositivo material que oferece às crianças e aos jovens o que é necessário para que possam estudar, para que possam se aplicar com atenção, disciplina, perseverança e zelo [...] para coisas que valem a pena por si

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



mesmas" (LARROSA, 2018, p. 239). Nesse sentido, não seria a escola, nem a sala de aula e nem o estudo que devem servir à sociedade, à economia e à política; mas, sim, tais instâncias que devem dispor-se à existência do espaço escolar, de suas materialidades e de seus dispositivos.

Dessa maneira, para Larrosa (2018) e para a presente escrita, é a escola e, portanto, seus habitantes, que devem dizer acerca daquilo que é necessário para que o espaço continue existindo como lugar de liberdade. Tal compreensão também foi identificada nas escritas dos participantes, os quais realizaram os seguintes comentários:

> A primeira coisa que me instigou, foi a pensar no papel da escola. Ela tem o papel de desabrochar ou de aprisionar? Isto ficou bastante marcado em suas imagens, a pouca liberdade que há nos muros da escola. E será que desta forma que vocês poderão construir o conhecimento? São vocês que têm o poder de libertar-se (Participante 4).

> Mas que liberdade a educação proporciona? Não existe nenhuma diferença na obtenção do conhecimento? Quais saberes não aprisionam? A escola tem várias faces que são representadas por quem faz a escola acontecer (Participante 9).

Contemplando a discussão, é possível visualizarmos que ao final de suas escritas, os participantes destacam o papel dos estudantes na representação do espaço escolar, aspecto que abordamos tanto na primeira, quanto na segunda seção deste artigo. O protagonismo dos escolares, que para além de alunos, devem ser percebidos em suas condições juvenis (DAYRELL, 2007) e como estudantes que, enfim, são capazes de qualquer coisa (LARROSA, 2018), apresenta-se como um dos cernes que possibilita pensar a escola como um lugar para a liberdade. Talvez, isso aconteça pelo fato de que, apesar de manifestarem pelas produções fotográficas alguns dos aspectos de aprisionamento presentes na escola, os estudantes também afirmam que, caso se transforme a escola em jaula, "sala de aula essa jaula vai virar".

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato de prática teve como objetivo apresentar reflexões a partir de um exercício produzido com participantes das oficinas do Objeto “Os jovens e as funções da escola: uma matéria epistolar”, realizadas com professores da Educação Básica, estudantes de graduação e mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Univates.

O movimento realizado com os participantes, por meio da escrita de uma carta a estudantes que, em um projeto anterior, produziram fotografias acerca do que compreendiam como funções da escola, proporcionou pensar sobre a perplexidade dos participantes com as imagens e provocações despertadas pelos estudantes, ao questionarem sobre o potencial criativo dos jovens. Indicou, também, que é preciso indagar junto com os mesmos acerca de tais funções, especialmente naquilo que coloca a escola como uma espécie de “garantia” para o futuro – e que pode estar vinculado a aspectos tanto de limitações e coerções, caracterizando um aprisionamento, quanto a possibilidades de criação e liberdade que esse espaço torna possível.

Vale destacar que o Objeto, juntamente com os demais Objetos criados para o exercício de pensar a docência, ressaltou a necessidade de produzir questionamentos acerca da escola, por meio de fotografias de estudantes. O Objeto, em suas instruções, previa que, minimamente, três frases finalizadas com ponto de interrogação fossem registradas na carta – com isso, pode-se perceber, nos excertos apresentados neste texto, o potencial que a pergunta carrega consigo, interrogando, provocando, instigando e ampliando os horizontes de quem se propõe a pensar.

Ao final, indicamos que os temas merecem ainda mais reflexão, por meio de discussões que envolvam a voz e o olhar de estudantes acerca do espaço escolar e das juventudes que vivenciam a escola e todos os seus movimentos, questionando-os de dentro. Além disso, ansiamos que a troca entre professores, pesquisadores e acadêmicos aconteça cada vez mais instigada por muitas

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



perguntas – que podem ser destinadas em matérias epistolares ou em tantos outros modos.

Mais do que um projeto de vida, espera-se que aos estudantes seja permitido, em seu tempo de escola, pensar em uma vida de projetos, que se fazem no momento presente, o efetivo "tempo de escola". Desse modo, entende-se que a escola, percebida como um espaço de separação e como tempo livre, ou seja, pensada do ponto de vista de sua abertura, "[...] é um devir mundo do mundo que tampouco pode ter destino" e que, portanto, "[...] entregar o mundo aos recém-chegados não pode ser destiná-lo, mas sim confiá-lo" (LARROSA, 2018, p. 320).

REFERÊNCIAS

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 13 nov. 2022.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 13 no. 2022.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola. *In:* DAYRELL, Juarez.; CARRANO, Paulo.; MAIA, Carla Linhares (orgs.). **Juventude e Ensino Médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 101-133. Disponível em: https://observatoriodajuventude.ufmg.br/wp-content/uploads/2021/06/livro-completo_juventude-e-ensino-medio_2014-3.pdf. Acesso em: 13 nov. 2022.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de professor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LEÃO, Geraldo; CARMO, Helen Cristina do. Os jovens e a escola. *In*: CORREIA, Licinia Maria; ALVES, Maria Zenaide; MAIA, Carla Linhares (orgs.). **Cadernos Temáticos**: Juventude Brasileira e Ensino Médio. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 11-44. Disponível em: https://observatoriodajuventude.ufmg.br/wp-content/uploads/2021/07/Caderno-03-Os-Jovens-e-a-Escola-4.pdf. Acesso em: 13 nov. 2022.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva.** 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



MUNHOZ, Angélica Vier; OLEGÁRIO, Fabiane; HATTGE, Morgana Domênica; SCHWERTNER, Suzana Feldens (orgs.). **Objetos de Pensar**: exercícios para a docência. Lajeado: Editora Univates, 2020. Disponível em: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/316/pdf_316.pdf. Acesso em: 26 ago. 2020.

O TRONO DO ESTUDAR. [S.l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (4min 57seg). Publicado pelo canal Patricia Porto. Disponível em: https://youtu.be/q4-SE_tJ4OM. Acesso em 17 nov. 2022.

RANCIÈRE, Jacques. **L'école de la démocratie**. Paris: Edilig, 1998.

SCHWERTNER, Suzana Feldens. Fotografias em discurso: as funções da escola em foco. **Reflexão e Ação**, v. 27, n.1, p. 133-150, jan./abr. 2019. Disponível em: https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/10930#:~:text=Os%20resultados%20apontam%20para%20as,express%C3%A3o%20que%20ela%20tamb%C3%A9m%20potencializa. Acesso em: 13 ago. 2020.

SCHWERTNER, Suzana Feldens; CONRAD, Jaqueline Maria. Um click na escola: olhares e discursos de jovens estudantes sobre a instituição escolar contemporânea. **Caderno Pedagógico**, v. 13, n. 2, p. 28-46, 2016. Disponível em: http://univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/1126. Acesso em: 13 ago. 2020.

SCHWERTNER, Suzana Feldens; CONRAD, Jaqueline Maria; DIESEL, Daniela; WEBER, Daniela Maria. O livro é de papel, e a imaginação rola solta: a biblioteca escolar na ótica de jovens estudantes. **Educação em Foco**, v. 20, n. 31, p. 95-114, set. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/319497589_O_livro_e_de_papel_e_a_imaginacao_rola_solta_a_biblioteca_escolar_na_otica_de_jovens_estudantes_A_printed_book_and_imagination_runs_free_the_school_library_from_the_perspective_of_young_students. Acesso em: 13 ago. 2020.

SCHWERTNER, Suzana Feldens; MUNHOZ, Angélica Vier. Imagens da escola e as suas funções na contemporaneidade: o discurso de estudantes concluintes do Ensino Médio. **Imagens da Educação**, v. 7, n. 1, p. 58-69, jan. 2017. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/30285. Acesso em: 13 ago. 2020.

SILVA, Clebson Assis.; SCHWERTNER, Suzana Feldens; ZANELATTO, Elisângela. **Grupos focais**: desafios e possibilidades na pesquisa educativa. Debates em Educação, v. 11, p. 1-13, 2019. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/6852. Acesso em: 13 ago. 2020.

TEIXEIRA, Inês. Uma carta, um convite. *In*: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (orgs.). **Juventude e Ensino Médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 11-42. Disponível em: https://observatoriodajuventude.ufmg.br/wp-content/uploads/2021/06/livro-completo_juventude-e-ensino-medio_2014-3.pdf. Acesso em: 13 nov. 2022.

VILLAS, Sara; NONATO, Symaira. Juventude e projetos de futuro. *In:* CORREIA, Licinia Maria; ALVES, Maria Zeneide; MAIA, Carla Linhares (orgs.). **Cadernos Temáticos**:

Revista
EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO
Volume 18 n.2 - Dossiê - 2022
ISSN 1984-3178



Juventude Brasileira e Ensino Médio. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 11-45. Disponível em: https://observatoriodajuventude.ufmg.br/wp-content/uploads/2021/07/Caderno-05-Juventude-e-Projetos-de-Futuro-1.pdf. Acesso em: 13 nov. 2022.

WELLER, Wivian. Jovens no Ensino Médio: projetos de vida e perspectivas de futuro. *In:* DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (orgs.). **Juventude e Ensino Médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 135-156. Disponível em: https://observatoriodajuventude.ufmg.br/wp-content/uploads/2021/06/livro-completo_juventude-e-ensino-medio_2014-3.pdf. Acesso em: 13 nov. 2022.

Recebido em 25/10/2021
Aceito em 11/12/2022

Esta revista está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Os artigos publicados na Revista Educação, Artes e Inclusão passam pelo *Plagiarism Detection Software* | *iThenticate*